

Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder

Psychopolitics: neoliberalism and the new techniques of power

HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica**: O neoliberalismo e as novas técnicas de poder. Belo Horizonte, MG: ÂYINÉ, 2018.

Resenhado por / *Reviewed by*: **Murilo Henrique Silva**¹

412

Byung-Chul Han é um filósofo sul coreano professor da Universidade de Artes em Berlim. Nasceu em 1959 em Seul e é autor de vários livros, dentre os quais destacam-se: *Sociedade do Cansaço*, *Sociedade da Transparência* e *Psicopolítica*. Dedicar-se a estudar as estruturas das sociedades no século XXI, para entender como o capitalismo tem interferido na vida das pessoas.

Este ensaio de sua autoria, o qual iremos nos debruçar, trata-se de um livro que discorre a respeito da mudança da sociedade disciplinar de Foucault, para a sociedade psicopolítica neoliberalista, regida pelo capitalismo imaterial, os *big data* e as mídias digitais.

Han, inicia a obra descrevendo que hoje acreditamos que não somos mais sujeitos submissos, mas sim projetos livres, que se reinventam constantemente. A passagem do sujeito (submisso) ao projeto, é percebida através do sentimento de liberdade, que ideologicamente, suprime a figura de coerção externa, pelas coerções internas.

Contudo, há uma contradição entre o discurso e a prática, pois vivemos um momento histórico particular em que a liberdade é quem, no fundo, provoca as coerções. Isto faz com que os indivíduos introjetem obrigações de desempenho e otimização. O que caracteriza o poder hoje, como um poder inteligente, por explorar exatamente este ideal de ser livre, visando o aumento da lucratividade.

¹ Mestrando em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília-UnB, bolsista pela FAP-DF, pós-graduado em Docência do Ensino Superior pela Universidade Pitágoras/Unopar, Graduado em Psicologia pela Universidade Pitágoras de Uberlândia - MG. E-mail: murilo-psico@hotmail.com

Recebido em 01/02/2023

Aprovado em 03/03 /2023

Sistema de Avaliação: *Double Blind Review*



Para atingir tais resultados, o mundo do trabalho precisou promover uma transformação importante, tornando o trabalhador, empreendedor de si. De fato, fazer com que o sujeito passasse a se enxergar como empresa de si, como empreendedor, foi uma revolução ímpar, pois encaminhou os sujeitos para a busca incessante do aumento de produtividade.

Hoje, cada trabalhador, é servo e senhor de si ao mesmo tempo, transferindo a luta de classes para uma luta interior. Isto fez com que ruísse a clássica divisão marxista entre a classe trabalhadora e a classe detentora dos meios de produção. Na produção imaterial de hoje, cada um possui os próprios meios de produção, esboçando-se livremente, como autoprodutor e explorador de si, ilimitadamente.

Esta autoexploração, a qual o neoliberalismo atingiu, e que afeta todas as classes, é completamente estranha a Marx. Ela torna a revolução social proposta por ele, impossível, principalmente por causa do isolamento do sujeito do desempenho, que é consequência do processo de individualização e que inviabiliza a formação de um *Nós* político, que é capaz de um agir comum.

Esta individualização neoliberalista, fez com que os sujeitos não questionassem mais o sistema produtivo, mas sim, passassem a considerar a si mesmos, responsáveis por seu próprio fracasso. Dirigindo então, a agressividade para dentro, para o eu, favorecendo o desenvolvimento de diversas psicopatologias da nossa era.

Ademais, o neoliberalismo também transformou o cidadão em consumidor, que já não consome mais apenas produtos, mas principalmente informações. Han, lembra que no início da rede digital, a mesma, prometia liberdade ilimitada, o que logo se mostrou uma completa ilusão, pois a liberdade e a comunicação, transformaram-se em ferramentas de monitoramento e controle em nossa sociedade.

A transparência também exigida na rede digital, instrumentalizou as informações, geradas pelos próprios usuários, para fins de indicadores de produtividade. O que na prática atuou e atua, como uma exigência de aumento constante do desempenho para o sujeito, que têm como projeto, o aprimoramento incessante de si.

Assim, hoje, os sujeitos se expõem voluntariamente, sem avaliar as consequências, sem qualquer coerção. Fazem-no em nome da liberdade. Mas, na verdade, este cenário constitui-se como sendo uma crise da liberdade, pois a proteção de dados tornou-se obsoleta, na medida em que eles são comprados e utilizados ativamente por certas corporações.

Caminhamos desta forma, sob o jugo da psicopolítica digital, onde o poder, põe de lado toda a negatividade. Não tenta vergar as vontades, privar a liberdade ou utilizar a violência, mas sim, tomar posse da liberdade, apoderando-se dela, para atingir os seus fins.

Para elucidar melhor como este fenômeno do poder se dá em nossos dias, Han, o compara com o poder disciplinar teorizado por Foucault. Descreve, que antes, o poder se articulava de forma inibitória e não permissiva. A técnica disciplinar, almejava a esfera corporal, através do adestramento e a docilização do corpo. O modelo de vigilância desta sociedade, seguia a idealização do pan-óptico proposto por Bentham, que propunha uma forma de espionagem onde os internos do sistema prisional, eram vigiados sem o perceberem.

A sociedade disciplinar tratava-se de uma forma de exercício de poder, portanto, que pretendia fazer viver determinado corpo social e deixar morrer, aqueles que não fossem aptos. Lançava mão, para tal, dos conhecimentos das disciplinas científicas, como a demografia, a estatística e entre outras, para controlar os corpos, tornando-os saudáveis e produtivos.

Contudo, este não era um poder inteligente. E é aí que reside a diferença entre a psicopolítica e a biopolítica foucaultiana. A técnica de poder neoliberal atua agora, de forma sutil, escapando à visibilidade, fazendo com que o sujeito nunca se torne de fato consciente da própria submissão. Na realidade, a alienação que promove é tamanha, que faz o sujeito acreditar que é livre e autônomo.

A psicopolítica também substituiu a utilização da estatística (comumente empregada na biopolítica) pelos *big data*, que são os dados gerados por todos os usuários da rede, a partir dos quais, traçam-se psicogramas individuais e coletivos, a fim de explorar a psique inconsciente dos sujeitos.

Assim sendo, a disciplinarização do corpo tornou-se obsoleta em nossa cultura. Agora, almeja-se a otimização mental. Os smartphones substituíram as câmaras de torturas, e o Big Brother², passou a ter um rosto mais amável, sendo assim muito mais eficiente. Em nossa realidade, comunicação e controle passaram então a coincidirem-se mutuamente.

A absolutização e fetichização dos dados, além do mais, trouxeram um autoconhecimento através de números, mensurando, quantificando e dominando a vida digital. Neste ponto de vista, o *quantified self*³ fez com que o corpo se tornasse uma fonte de dados, a ser medido e acompanhado.

² O Grande Irmão (Big Brother) é descrito no romance “1984” de George Orwell, sendo o partido que observa, controla e regulamenta os sujeitos na sociedade fictícia do romance. Para Han, este é um dos símbolos maiores da sociedade disciplinar de controle.

³ Self Quantificado

Todo este cenário só foi e é possível, porque a cada clique que damos, a cada pesquisa que fazemos, todos os dados ficam salvos. Tudo é observado e registrado, fazendo com que as vidas sejam completamente reproduzidas na rede digital. As próprias coisas (smartphones, assistentes de voz, smart TV's) tornaram-se também emissoras de informações, catalogando a vida cotidiana.

A persuasão psicopolítica além disso, não se conteve apenas no campo comercial e laboral, extrapolou-os influenciando também a vida política. Com a gigantesca quantidade de dados coletados, comprados e conectados, os candidatos passaram a ter o conhecimento sobre os perfis eleitorais, adquirindo uma visão da vida privada e da psique dos eleitores, permitindo-lhes influenciar o eleitorado de forma individualizada, personalizada.

O *micro-targeting*, consagrou-se conjuntamente nas eleições, como prática micropolítica, fazendo com que os algoritmos inteligentes, realizassem prognósticos sobre o comportamento dos perfis, otimizando os discursos de campanha. Neste contexto, votar e comprar, estado e mercado, cidadão e consumidor passaram a se assemelhar cada vez mais.

Concluindo, a análise dos *big data* tornou possível ações de influência mais rápidas do que o livre-arbítrio, na medida em que interpreta e intervêm através de sugestões sutis, na vida do sujeito. Tudo isso em uma velocidade maior do que o próprio indivíduo consegue entender sobre si mesmo. Trata-se, portanto, de uma intervenção à nível inconsciente.

Han, tece no entanto, suas críticas sobre este cenário psicopolítico, com a concepção de que a produção de conhecimento produzida pelos *big data*, ou seja, da correlação entre dados, é o nível mais baixo do conhecimento. Acima dele, está a correlação de reciprocidade, onde estabelece-se uma relação de causalidade mais complexa entre as variáveis (dados), e mais acima desta, encontra-se a produção do *conceito*.

O conceito, correlaciona integralmente os dados, através da forma de um silogismo, que tudo envolve. O silogismo não é a pura adição, como ocorre no conhecimento da soma de informações, ele é uma narração.

Os *big data* nunca atingem o silogismo, ou a conclusão. Apenas um demorar-se contemplativo é capaz do silogismo, coisa impossível para a velocidade das informações e as trocas rápidas de imagens.

Além disso, o puro acúmulo de dados não responde à pergunta do: *quem sou eu?* Desta feita, o *quantified self* é uma técnica que esvazia o ser do sentido, desmanchando-o em dados, tornando o ser, insignificante.

O autoconhecimento através de números, contraditoriamente para ele, não produz autoconhecimento de fato, pois não forma narrativa.

Como alternativa ao poder psicopolítico, Han resgata o conceito de idiotismo. Descreve que a filosofia desde o princípio, estava ligada ao mesmo, pois ser idiota, significa produzir um novo pensamento, uma nova linguagem.

Os loucos e idiotas, para o autor, desapareceram em nossa sociedade diante da conexão digital, da comunicação total e da coerção por conformidade, pois há uma violência do consenso, que reprime o idiotismo. O mesmo, representa uma prática de liberdade diante da coerção da comunicação, e do inferno do mesmo. O idiota é o desligado, o desconectado, desinformado, o herético. Originalmente heresia significa escolha, portanto, o idiota é como o herege, uma figura de resistência frente à violência do consenso.

Ser idiota é comunicar através do não comunicável, se recolher em silêncio, e em quietude, de onde é possível dizer as coisas que realmente merecem ser ditas. Significa inaugurar um espaço, uma distância necessários para se preparar uma fala distinta, não somente o comunicar ininterrupto.